

SALA DE PSICOPATOLOGIA¹Alejandra Pizarnik²

Tradução e apresentação:

Clarisse Lyra³

“Sala de psicopatologia” representa uma novidade na poesia de Alejandra Pizarnik. Escrito em 1971, durante sua internação no hospital psiquiátrico Pirovano, na periferia de Buenos Aires, o poema só viria a ser publicado em 2001, na edição de sua poesia completa realizada pela editora Lumen a cargo de Ana Becciu. Até então, era possível dizer – como disse categoricamente César Aira – que sob o único objetivo de escrever bons poemas, sem nenhum disfarce utópico ou ideológico (AIRA, 1998, p. 14), a poesia de Pizarnik seguia uma exigência de pureza que determinava a seleção de palavras e temas nobres e elevados (AIRA, 1998, p. 38). E mesmo depois, por um certo hábito de leitura que privilegia os livros publicados em vida frente aos inéditos e a obra em verso frente aos textos desafiadores e híbridos recolhidos em sua prosa, seguirá sendo possível a Daniel Link afirmar que, em sua maturidade poética, Pizarnik será uma “conceptista militante de uma austeridade estoica” (LINK, 2011, s/p).

É Carolina Depetris quem, procedendo a uma leitura mais ampla, detecta que a escritura da argentina experimenta uma mudança a partir de 1968: o que até então se caracterizava principalmente pela brevidade, controle, forma depurada, eliminação – como apontado por Aira e Link – vem a tornar-se, a partir de *Extracción de la piedra de la locura* com a adoção do poema em prosa e especialmente em *La bucanera de Pernambuco o Hilda la polígrafa*, transbordamento, excesso. Se inicialmente a busca poética de Pizarnik está marcada pelo desejo profundo de uma linguagem “pura” e pela sua impossibilidade, em seus últimos anos o traço fundamental de sua direção poética será o de perder o controle para encontrar uma “essencialidade” (DEPETRIS, 2008, p. 64).

A originalidade da leitura de Depetris está em ver neste giro e em suas formalizações mais radicais não o indício de um fracasso escritural, como proposto por outros críticos (entre os quais o próprio Aira), cuja justificativa seria a proximidade com a esquizofrenia, mas um movimento interessante, orientado por determinados pressupostos em relação à linguagem muitas vezes explicitados pela autora em seus diários.

E é precisamente a relação com a linguagem – sua ambiguidade, os sucessivos vazios que ela recobre, a ausência de correspondências fixas – que configura o grão problemático da experiência em sua obra, uma obra que a todo tempo anuncia e lida de diversas maneiras com a própria morte, como se fazendo o luto de si mesma. Uma morte que finalmente sobrevém num quarto de trabalho, cerca de um ano após a aparição de “Sala de psicopatologia”, em setembro de 1972 (a esta altura Alejandra Pizarnik contava 36 anos) – e cindida pela escrita: cisão que se dá não pelas circunstâncias factíveis que, podemos imaginar, precederam o suicídio, mas pelas palavras encontradas escritas a giz no quadro-negro que velava o corpo já sem vida: *contra a opacidade / não quero ir se não for até o fundo / oh vida oh linguagem oh Isidoro* (aqui, referência a Isidore Ducasse, o Conde de Lautréamont).

¹ Traduzido de: PIZARNIK, Alejandra. Sala de psicopatología. In: *Poesía completa*. Edição de Ana Becciu. Barcelona: Lumen, 2011, pp. 411-417.

² Escritora argentina. Nasceu em Buenos Aires em 1936 e morreu na mesma cidade em 1972. Foi tradutora e crítica literária, tendo traduzido e comentado obras de Antonin Artaud, Marguerite Duras, Yves Bonnefoy e Aimé Césaire, entre outras. Pizarnik se dizia surrealista e marcou a que ficou conhecida como a geração dos 60 na poesia argentina.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da FFLCH-USP. E-mail: clarisse_lyra@hotmail.com.

Sala de psicopatologia

Depois de anos na Europa

Quero dizer Paris, Saint-Tropez, Cap

St. Pierre, Provence, Florença, Siena,

Roma, Capri, Ischia, San Sebastián,

Santillana del Mar, Marbella,

Segovia, Ávila, Santiago,

e tanto

e tanto

para não falar de New York e do West Village com rastros de garotas estranguladas

– quero ser estrangulada por um negro – disse

– você quer é ser violentada – disse eu (oh Sigmund! com você se acabaram os homens do mercado matrimonial que frequentei nas melhores praias da Europa)

e como sou tão inteligente que já não sirvo para nada,

e como sonhei tanto que já não sou deste mundo,

aqui estou, entre as inocentes almas da sala 18,

me convencendo a cada dia

de que a sala, as almas puras e eu temos sentido, temos destino,

– uma senhora originária do mais obscuro bairro de um povoado que não figura no mapa diz:

– O doutor me disse que tenho problemas. Eu não sei. Eu tenho algo aqui (toca as tetas) e uma vontade de chorar que mama mia.

Nietzsche: “Esta noite terei uma mãe ou deixarei de ser.”

Strindberg: “O sol, mãe, o sol.”

P. Éluard: “Deve-se bater na mãe enquanto se é jovem.”

Sim, senhora, a mãe é um animal carnívoro que ama a vegetação luxuriosa. Na hora em que pariu abre as pernas, ignorante do sentido de sua posição destinada a dar à luz, à terra, ao fogo, ao ar,

mas logo se quer voltar a entrar nessa maldita buceta,

depois de ter tentado nascer sozinha puxando minha cabeça por meu útero

(e como não pude, busco morrer e entrar na pestilenta guarida da oculta ocultadora cuja função é ocultar)

falo da buceta e falo da morte,

tudo é buceta, eu lambi bucetas em vários países e só senti orgulho por meu virtuosismo – a mahatma gandhi da lambida, a Einstein da chupada, a Reich da lambidela, a Reik em abrir caminho entre pentelhos como os de rabinos não asseados – ah o gozo da sujeira!

Vocês, os mediquinhos da 18 são ternos e até beijam o leproso, mas

se casariam com o leproso?

Um instante de imersão no baixo e no obscuro,

sim, disso são capazes,

mas logo vem a vozinha que acompanha os jovencinhos como vocês:

– Dava pra fazer uma piada com tudo isso, não?

E

sim,

aqui no Pirovano

existem almas que NÃO SABEM

por que receberam a visita das desgraças.

Requerem explicações lógicas os pobres pobrezinhos, querem que a sala – verdadeira pocilga – esteja bem limpa, porque a sarna lhes aterroriza, e a desordem, e a solidão dos dias vazios habitados por antigos fantasmas emigrantes das maravilhosas e ilícitas paixões da infância.

Ah, beijei tantas picas pra me encontrar de repente em uma sala cheia de carne de prisão onde as mulheres vêm e vão falando de melhorias.

Mas

que coisa curar?

E por onde começar a curar?

É verdade que a psicoterapia em sua forma exclusivamente verbal é quase tão bela quanto o suicídio.

Falamos.

Mobiliamos o cenário vazio do silêncio.

Ou, se há silêncio, ele se torna mensagem.

– Por que está calada? Em que está pensando?

Não penso, pelo menos não executo o que chamam pensar. Assisto ao inesgotável fluir do murmúrio. Às vezes – quase sempre – estou molhada. Sou uma cadela, apesar de Hegel. Queria um cara com uma pica assim e me foder e meter até que acabe vendo curandeiros (que sem dúvida me chuparão) a fim de que me exorcizem e me consigam uma boa frigidez.

Molhada.

Buceta de coração de criança humana,

coração que é um pequeno bebê inconsolável,

“Como uma criança de peito acalentei minha alma” (Salmo)

Ignoro o que faço na sala 18 a não ser honrá-la com minha presença prestigiosa (se gostassem de mim um pouquinho me ajudariam a anulá-la)

oh não é que queira flertar com a morte

eu quero apenas pôr fim a esta agonia que se torna ridícula por prolongar-se,

(Ridiculamente te enfeitaram para este mundo – diz uma voz apiedada de mim)

E

Que te encontre contigo mesma – disse.

E eu lhe disse:

Para reunir-me com o *migo* de *comigo* e ser uma só e mesma entidade com ele tenho que matar o *migo* para que assim morra o *com* e, deste modo, anulados os contrários, a dialética suplicante finaliza na fusão dos contrários.

O suicídio determina

uma faca sem lâmina

à qual falta o cabo.

Então:

adeus sujeito e objeto,

tudo se unifica como em outros tempos, no jardim dos contos para crianças cheio de riachos de frescas águas pré-natais,

esse jardim é o *centro* do mundo, é o lugar marcado, é o espaço tornado tempo e o tempo tornado lugar, é o alto momento da fusão e do encontro,

fora do espaço profano onde o Bem é sinônimo da evolução de sociedades de consumo,

e longe dos simulacros de merda de medir o tempo mediante relógios, calendários e demais objetos hostis,

longe das cidades nas quais se compra e se vende (ah, nesse jardim para a menina que fui, a pálida alucinada nos subúrbios daninhos pelos quais errava de braço dado com as sombras: menina, minha querida menina que não teve mãe (nem pai, é óbvio)

De modo que arrastei meu traseiro até a 18,
onde finjo acreditar que minha doença de afastamento, de separação de absoluta NÃO-ALIANÇA com
Eles

– Eles são todos e eu sou eu –
finjo, pois, que consigo melhorar, faço crer a esses rapazes de boa vontade (ah, os bons sentimentos!)
que poderão me ajudar,

mas às vezes – com frequência – lhes devolvo o foda-se desde minhas sombras interiores que esses
medicozinhos jamais saberão conhecer (a profundidade, quanto mais profunda, mais indizível) e lhes digo
fodam-se porque evoco a meu amado velho, o Dr. Pinchon R., tão filho da puta como nunca será nenhum dos
mediquinhos (tão bons, hélas!) desta sala,

mas meu velho está morrendo e eles falam e, o pior, eles têm corpos novos, são (maldita palavra)
enquanto meu velho agoniza na miséria por não ter sabido ser um merda prático, por ter afrontado o terrível
mistério que é a destruição de uma alma, por ter remexido no oculto como um pirata – não pouco funesto pois
as moedas de ouro do inconsciente tinham carne de enforcado, e em um recinto cheio de espelhos quebrados e
sal derramado –

velho maldito, espécie de aborto pestífero de fantasmas sifilíticos, como te adoro em tua tortuosidade
apenas parecida à minha,

e cabe dizer que sempre desconfiei de teu gênio (você não é genial; é um saqueador e um plagiário) e ao
mesmo tempo confiei em você,

ah, é a você que meu tesouro foi confiado,
te amo tanto que mataria todos esses médicos adolescentes para te dar de beber o seu sangue e que você
viva um minuto, um século mais,
(você, eu, a quem a vida não merece)

Sala 18

Quando penso em terapia ocupacional me arrancaria os olhos numa casa em ruínas e os comeria
pensando em meus anos de escrita contínua,

15 ou 20 horas escrevendo sem parar, aguçada pelo demônio das analogias, tratando de configurar
minha atroz matéria verbal errante,

porque – oh velho Sigmund Freud, tão bonito – a ciência psicanalítica esqueceu a chave em algum lugar:
abrir se abre
mas como fechar a ferida?

A alma sofre sem trégua, sem piedade, e os médicos ruins não estancam a ferida que supura.

O homem está ferido por uma laceração que talvez, ou com certeza, foi causada pela vida que nos dão.

“Mudar a vida” (Marx)

“Mudar o homem” (Rimbaud)

Freud:

“A pequena A. está embelecida pela desobediência”, (Cartas...)

Freud: poeta trágico. Demasiado enamorado da poesia clássica. Sem dúvida, extraiu muitas chaves dos
“filósofos da natureza”, dos “românticos alemães” e, sobretudo, do meu amadíssimo Lichtenberg, o genial físico e
matemático que escrevia em seu Diário coisas como:

“Ele havia dado nome a suas duas pantufas”

Estava um pouco só, não?

(Ah, Lichtenberg, pequeno corcunda, eu teria te amado!)

E a Kierkegaard

E a Dostoievski

E sobretudo a Kafka

com quem aconteceu o mesmo que comigo, se bem que ele era pudico e casto – “Que fiz do dom do sexo?” – e eu me masturbo como nenhuma outra;

mas aconteceu (com Kafka) o mesmo que comigo:

se separou

foi longe demais na solidão

e soube – teve que saber –

que dali não se volta

se afastou – me afastei –

não por desprezo (claro que nosso orgulho é infernal)

mas porque se é estrangeira

se é de outra parte,

eles se casam,

procriam,

veraneiam,

têm horários,

não se assustam com a tenebrosa

ambiguidade da linguagem

(Não é a mesma coisa dizer *Boa noite* que dizer *Boa noite*)

A linguagem

– eu não posso mais,

alma minha, pequena inexistente,

se decida;

se mande ou fique,

mas não me toque assim,

com pavor, com confusão,

ou você vai embora ou você se manda,

eu, de minha parte, não posso mais.

REFERÊNCIAS

AIRA, César. *Alejandra Pizarnik*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1998.

DEPETRIS, Carolina. Alejandra Pizarnik después de 1968: la palabra instantánea y la “crueldad” poética. In: *Iberoamericana*, n. 31, 2008.

LINK, Daniel. Lecturas de Pizarnik. In: ANTELO, Raúl; REALES, Liliana (Orgs.). *Argentina: Texto, Tempo, Movimiento*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2011.